

Dietrich Bonhoeffer e Martim Lutero
Bonhoeffer – “um luterano consciente”? [1]
Esboço de uma relação [2]

Apresentação na *Sociedade Internacional Bonhoeffer – Seção Língua Portuguesa / Brasil*
Seminário Teológico Escola de Pastores, Niterói / RJ, Rua Major Fróes, 59, 05/10/ 2013

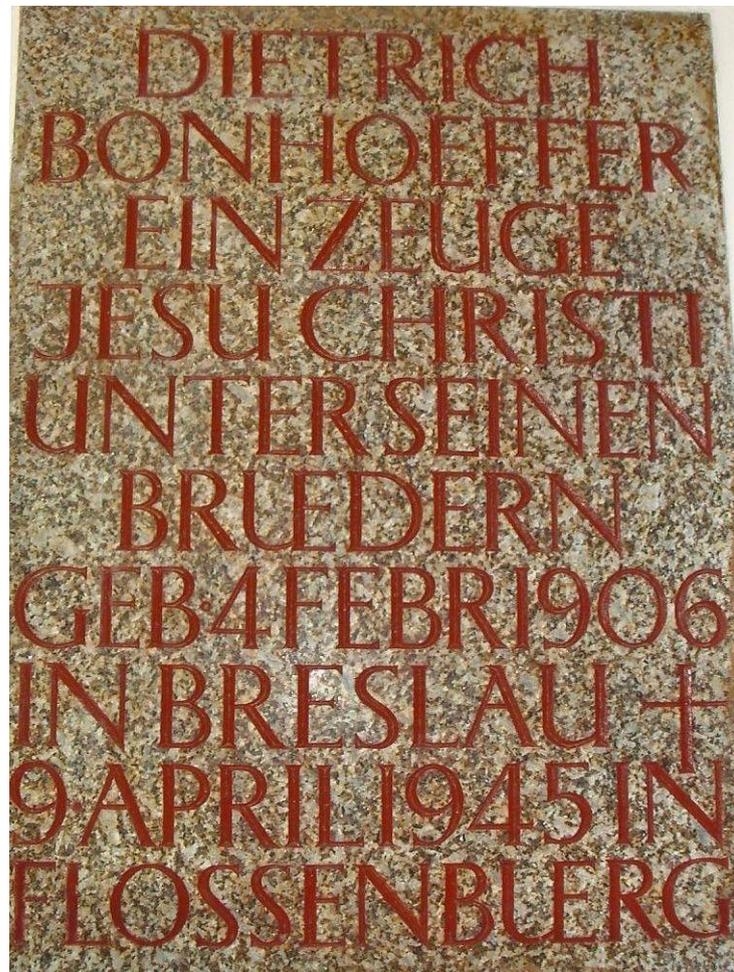
Sempre grato a **Eduard Haller**, nonagenário,
que me aproximou primeiramente ao
testemunho de Dietrich Bonhoeffer

I.

Ilustrações



Lado esquerdo do espaço do altar no templo evangélico luterano em Flossenbürg/
Baviera/Alemanha (localidade próxima à fronteira com a atual República Tcheca). Avista-se a
placa de granito (matéria prima da região) em memória a Dietrich Bonhoeffer, afixada na
parede.



A própria placa, decerrada em 09 de abril de 1954. Nela consta: *Dietrich Bonhoeffer ein Zeuge Jesu Christi unter seinen Brüdern geb. 4 Febr 1906 in Breslau + 9 April 1945 in Flossenbürg. / Dietrich Bonhoeffer, uma testemunha de Jesus Cristo no meio de seus irmãos, nascido a 04 de fevereiro de 1906 em Breslau, morto a 09 de abril de 1945 em Flossenbürg.*

A formulação brotou da discussão acirrada na Igreja Evangélica na Alemanha pós-guerra sobre o fato de Bonhoeffer ser mártir propriamente dito ou não [3]. Ela surgiu dentro da Fraternidade de Pastores, congregada em e para oração, da Baviera, sob a coordenação de Karl Steinbauer, repetidas vezes encarcerado durante a época hitlerista em consequência de seu “dar testemunho mútuo [de Jesus Cristo a todos indistintamente, a membros da hierarquia igrejeira e altos representantes do regime da National-Sozialistische Deutsche Arbeiterpartei – NSDAP / Partido Nacional-Socialista Operário Alemão]” [4], e de Hermann Dietzfelbinger, mais tarde bispo da Igreja Evangélica Luterana na Baviera (1955-75) [5].



Vista parcial da edificação reconstruída com as celas individuais para os sentenciados à morte no campo de concentração em Flossenbürg, as “celas de preparação” [6]. Numa delas, Dietrich Bonhoeffer aguardava seu enforcamento.



Um destes cubículos.



Ao lado do conjunto dos cubículos, encontrava-se a forca.



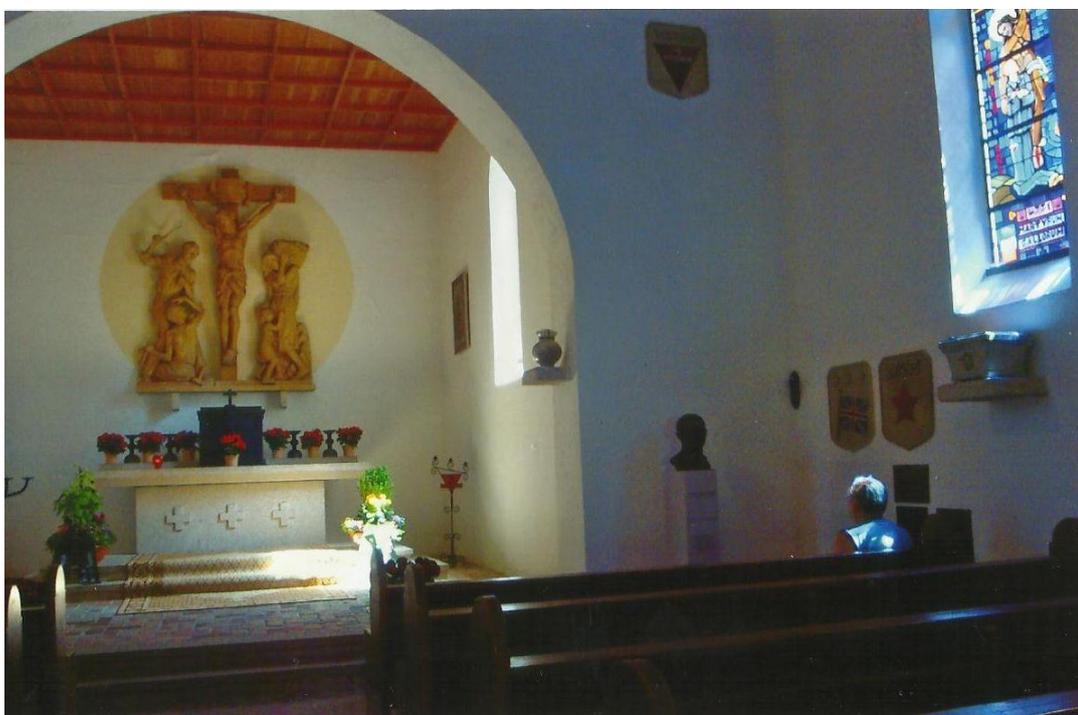
Em 1970, colocou-se no pátio de suplício esta placa comemorativa, feita de granito. Na placa, foi gravada uma cruz; a viga transversal menciona 2 Tm 1.7 – Lutero traduz a passagem, vertida para o português, assim: *Deus não nos deu o espírito do medo, mas da força e do amor e da disciplina*. É bem provável que a escolha do versículo se deva a sua menção em carta de Bonhoeffer aos pais [7].

[Desconheço se é coincidência ou não que o mesmo versículo conste no memorial dedicado a Gustavo II Adolfo, rei da Suécia, que tombou na batalha de Lützen, perto da cidade de Lípsia/Saxônia/Alemanha, em 10 de novembro de 1632 {aniversário de Martim Lutero}, resguardando o poder político e a expressão cultural do protestantismo alemão.]

Abaixo da cruz, lê-se (aqui vertido para o vernáculo): *Na resistência contra ditadura e terror, deram sua vida para liberdade, justiça e dignidade humana*; seguem os nomes dos enforcados no dia 09 de abril de 1945 – afora Dietrich Bonhoeffer, quase todos oficiais alemães [8].



O monte de cinzas (e de esqueletos?) de falecidos e assassinados no campo de concentração. Presume-se fazer ali também Dietrich Bonhoeffer.



O espaço do altar na capela construída pelos sobreviventes do campo de concentração. No lado direito de quem entra no recinto, ainda antes da primeira fila de bancos, colocou-se, recentemente, um busto em bronze de Dietrich Bonhoeffer.



O busto assenta sobre um pedestal. Após o nome e as datas biográficas, há dois enunciados de Dietrich Bonhoeffer. O primeiro, bastante conhecido (aqui já traduzido): *Em orar e praticar o que é justo (entre as pessoas [precisa ocorrer doravante o discipulado cristão e eclesial])* [9]. O segundo, mais famoso ainda, é a última estrofe de *Por bons poderes: Por bons poderes maravilhosamente protegidos, / esperamos consolados o que nos será trazido. / Deus está conosco de noite e de manhã, / e com toda a certeza a cada novo amanhã.* [10]



O próprio busto [11].

Exemplos do testemunho comum de Bonhoeffer e Lutero quanto a partes centrais da fé em Jesus Cristo

Para que cada interessado descubra por si próprio tal comunhão na fé e sua articulação, independentemente de assim chamados especialistas, arrolando publicações de Dietrich Bonhoeffer e de Martinho Lutero que temos na língua Pátria, tentando formar uma sinopse [12]. Acredito que ela possa auxiliar a pessoas que querem aprender a crer [13] e se deixar preparar para o serviço daquilo que é justo [14] em nossos dias. Sinto-me, antes de tudo, ligado a esta gente e seu devedor. Ela importa para tornar visível que a vivência em, com, sob Jesus Cristo é necessária, sim, peremptória. Neste afã, pessoas estão sendo companheiros/as de Bonhoeffer e Lutero, cujo testemunho é experimentado e vivido.

Quanto a Dietrich Bonhoeffer, temos os seguintes escritos dele, todos publicados pela Editora Sinodal, São Leopoldo / RS: *Discipulado*. 11ª ed., 2011; *Ética* (comp. E. Bethge). 9ª ed., 2009; *Prédicas e alocuções* (comp. H. Malschitzky), 2007; *Resistência e Submissão – Cartas e anotações na prisão*, 2003; *Tentação*. 6ª ed. revis., 2003; *Vida em comunhão*. 9ª ed. revis., 2011. Não se deve omitir aqui as traduções para o espanhol de *Sanctorum Communio – Dogmatische Untersuchung zur Soziologie der Kirche / Sociologia de La Iglesia – Sanctorum communio*. Salamanca: Sigueme, 1969, de *Christologie / Cristologia – Preleção de 1933* (reconstruída por E. Bethge à base de anotações de ouvintes) sob o título *Quién es y quién fue Jesucristo? – Su historia y su misterio*. Barcelona: Ariel, 1971 e de *Das Wesen der Kirche / La Esencia de La Iglesia, Dein Reich komme! / Venga a Nosotros Tu Reino, Die erste Tafel der Zehn Worte / La Primera Tabla de Las Diez Palabras, Das Gebetbuch der Bibel / El Libro de Oración da La Biblia – In: Creer y Vivir*. Salamanca: Sigueme, 1974. *Conditio sine qua non* para fazer jus a D. Bonhoeffer em seu contexto original, bastante estranho para o público eleitor latino-americano, é a biografia monumental que E. Bethge – seu aluno, amigo e parente, receptor da maioria das cartas que Bonhoeffer escreveu nas prisões, e assim seu intérprete-mor – elaborou: *Dietrich Bonhoeffer, Teólogo, Cristiano, Hombre actual*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1970.

Referente a Martinho ou Martinho Lutero, dispomos de *Obras Seleccionadas / OSeI* – desde 1987 foram editados 11 volumes e são planejados mais alguns – organizados, impressos e divulgados pela Comissão Interluterana de Literatura / CIL (São Leopoldo), via Editora Sinodal, São Leopoldo, e Concórdia Editora, Porto Alegre, e, agora também, Editora Ulbra, Canoas. CIL já tinha publicado em 1984 Martinho Lutero, *Pelo Evangelho de Cristo – Obras Seleccionadas de momentos decisivos da Reforma / PEVC*, e, no ano anterior, por ocasião do 500º aniversário de Lutero, passagens de suas prédicas e interpretações bíblicas, em CASTELO FORTE – *Devoções Diárias*, dirigidas especialmente às comunidades. No ano de 2012 lançou, em tradução atualizada, *Catecismo Maior do Dr. Martinho Lutero*. A Pastoral Popular Luterana / PPL, ligada à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, divulga, desde 2002, em seu devocionário anual, SEMENTE DE ESPERANÇA / SE, 12 trechos de Lutero acerca de

questões pertinentes, com breve introdução, por exemplo, no presente ano, a respeito daquilo que ele diz sobre a juventude e, no próximo, acerca de Lei e Evangelho.

Eis, então, os exemplos:

De saída, vale sublinhar que não se trata de arrolar citações textuais de Lutero que Bonhoeffer faz, volta e meia, em todas as suas obras [15]. Salta aos olhos já de um/a leitor/a iniciante, que o último menciona o primeiro bastante, aliás mais do que qualquer teólogo de seu presente e passado. Hoje e aqui, pretende-se apenas indicar onde e quando – pelo menos como vejo por ora – de Bonhoeffer e de Lutero são “um o coração e a alma” (At 4.32) [16].

1) A centralidade de Jesus Cristo em simplesmente tudo o que dizem, escrevem e fazem. Bonhoeffer e Lutero são cristólogos até a medula. Esta palavra reflete tudo. Quer dizer: Jesus Cristo lhes é, em primeiro lugar, Salvador e Sacramento, e, em segundo, em decorrência, mestre e exemplo. Esta diferença, entre Salvador e exemplo, ambos têm como categorial. Aí há concordância plena. O que é relativamente fácil de verificar. Inexiste outra assertiva da fé e reflexão dela, onde ambos ficam tão entrelaçados [17]. Suas formulações concretas podem ser diferentes, mas o sentido, o afã, o escopo são idênticos. O material de parte a parte é abundante, impossível explaná-lo agora; restrinjo-me a trechos especialmente expressivos:

Bonhoeffer, *Discipulado*, p. 198-203, *Ética*, p. [121]-135, *Resistência e Submissão*, p. 434-40 < > Lutero, *PEvC*, p. 30s.; *OSel* v. 2, p. 436-60, v. 5, p. 24-84 e 87-109, v. 11, p. 27.1-31.24.

2) Lei e Evangelho. Para Lutero, a Palavra de Deus sucede sempre de forma dupla, contudo unida, em Lei e Evangelho. Apenas quem é ciente deste fenômeno ímpar e se debruça sobre ele é considerado por Lutero teólogo, sim, cristão: *OSel* v. 8, 171-6. 183-95, v. 10, 22-557 e SE 2014 (sempre no início de cada mês).

As pessoas que aprenderam e aprendem com o pregador de Wittenberg, entre elas, Dietrich Bonhoeffer, aplicam essa asserção inconfundível. O último o fez marcadamente em duas ocasiões: na discussão acerca de *Confissão de Bethel*, 1933, fato histórico a que me aterei ainda [18], e em *Ética*, p. 225-9.

3) Confissão e absolvição dos pecados em particular. Lutero e Bonhoeffer foram curas de pessoas por excelência [19]; seu jeito curador continua inspirando poimênicos /as em nosso meio. Longe de ser ideia forçada, é compreensão abalizada de gente que entende mais do que eu de nossos bem-aventurados: o testemunho existencial deles era intrinsecamente poimênico e visava com efeito à edificação pastoral de comunidade ou comunhão de irmãos[ãs] localizada.

A ênfase que Bonhoeffer colocou na confissão dos pecados concretos perante o irmão e na absolvição dos pecados pelo irmão, sendo o respectivo irmão o representante de Jesus Cristo, tem sua precursora na pregação e prática de Lutero:

Bonhoeffer, *Vida em comunhão*, p. 97-107 < > Lutero *OSel* v. 7, 442.23-446.35, 462.1-464.6 = *Catecismo Maior do Dr. Martim Lutero*, p. 130-4.

4) A importância da música e do canto. É notório: Lutero e Bonhoeffer eram dotados de acentuada sensibilidade musical. Seus respectivos convivas dão testemunho disso, chegando, no caso do segundo, a informar que a família (o jovem Dietrich consentindo?) cogitava de ele abraçar a música como programa de vida [20].

Ambos tinham em alto apreço o canto e a música já para o ser humano em si, *qua* criatura de Deus: Bonhoeffer, *Resistência e Submissão*, p. 308s.; Lutero: *PEvC*, p. 215s.

E, por conseguinte, ainda mais para a pessoa cristã, *qua* recipiente da fé e comunicadora dela: Lutero, *OSel* v. 7, 480.25-484.12; veja seus hinos, 485-513, mormente aqueles cuja melodia também criou: 490.10-492.36, 496.20-498.4, 520.5-521.4, 524.15-525.5, 535.1-536.22, 537.5-538.23, 539.1-540.10, 542.10-543. 8, 551.25-553.36; Bonhoeffer, *Vida em comunhão*, p. 46-50; *Resistência e Submissão*, p. 228-31.

5) A resistência a um regime tirânico. Este ponto surpreende, pois, via de regra, as pessoas se lembram – ao menos, por cima – da posição de Lutero na Guerra dos Camponeses [21]. Lutero teve mais tarde outra postura; também Bonhoeffer não apoiou, de imediato, o atentado que, finalmente, se realizou no dia 20 de julho de 1944 [22].

Ignoro, até o momento, se Bonhoeffer, ao formular que a Igreja, vendo o Estado falhar em sua função de salvaguardar direito e ordem, precisa não apenas fazer curativos nas vítimas em baixo da roda [serviço diaconal], mas precisa pegar nos raios da roda, o que seria ação política direta [23], tinha presente o dito de Lutero de que, caso um cocheiro bêbado avançasse sobre os passantes, seria preciso derrubá-lo da boleia [24]. Seja como for, ambos observavam, alertas na fé e desafiados pela fé, o decorrer dos acontecimentos sociais e políticos ao seu redor e viviam em constante troca de reflexões a seu respeito, por exemplo, com juristas – e cientes de sua culpabilidade neste engajamento, sim, dispostos a assumir culpa aí e carregar a culpa dos próximos [25].

Bonhoeffer, *Discipulado*, p. 83-7 <> Lutero, *OSel* v. 9, 120.11-122.35; Bonhoeffer, *Ética*, p. 211-24 <> Lutero, *OSel* v. 6, 216.1-269.26.

III.

Partes do testemunho de Bonhoeffer que o aproximam sobremaneira de Lutero

1) A aplicação concreta de *assertio Lutheri* Lei e Evangelho – e isso num contexto altamente sensível e cheio de riscos: **a Confissão de Bethel (versão original**, fim de agosto de 1933) [26]. Trata-se de uma declaração escrita, encomendada pela oposição eclesial, a Igreja Confessante / IC embrionária, depois de o movimento dos autoproclamados Cristãos Alemães / CrA – que optaram por ideário e programa da NSDAP, movidos em sua fé que consideraram cristã – ter vencido as eleições em boa parte dos presbitérios locais e dos sínodos regionais e obtido a maioria esmagadora no sínodo nacional da então Igreja Evangélica da Alemanha [27].

Dietrich Bonhoeffer foi convocado para integrar a comissão formuladora inicial e se jogou com armas e bagagens para dentro da colaboração. No início, ele diz: “Nosso trabalho nos [Sasse, Merz e ele mesmo] dá muita alegria e exige muito esforço. Tentamos fixar os CrA naquilo que eles pretendem ... A questão é, de fato, germanismo ou cristianismo; e quanto antes o conflito vir à luz, tanto melhor. O ocultamento [do conflito] é o mais perigoso” [28]. E, após do encerramento de sua cooperação,

constata: “*Eu cooperei na Confissão de Bethel deveras com entusiasmo*” [29]. Conforme levantamentos quanto ao surgimento da primeira versão do documento e cavações acerca de sua mensagem teológica e pastoral original bem como de sua particular importância dentro do conjunto dos testemunhos da IC, que, na esteira de E. Bethge [30], diversos pesquisadores [31] realizam, fica claro que Bonhoeffer, Hermann Sasse [32] e Georg Merz [33] foram os autores determinantes, decididamente contrários aos disparates dos CrA. O texto foi “obra de uma feliz cooperação” (H. Sasse) entre os três teólogos “evangélicos luteranos cômicos” [34].

A *Confissão de Bethel* contém um trecho intitulado “A Igreja e os Judeus” [35]; aí deu contribuição significativa Wilhelm Eduard Vischer [36]. No intento de destacar Lei e Evangelho e observar como a máxima está sendo empregada por Bonhoeffer *in statu confessionis*, neste ponto extremamente sensível, e na qual teimou [37], insiro aqui, em português, as seguintes assertivas do referido capítulo. As explicações em colchetes procuram ajudar na compreensão do texto, convenhamos, difícil de entender para pensamento e ambiente eclesiásticos brasileiros correntes.

“Nós condenamos cada tentativa de comparar ou confundir a missão histórica de povo qualquer que seja com a tarefa de Israel na história da salvação [Os CrA propagavam vivência e missão do povo alemão como parte integrante da história da salvação.]... Nós somos contra a iniciativa [38] de que se roube a promessa com que a Igreja evangélica alemã foi agraciada [com a prédica do Evangelho de Jesus Cristo, que fora renovada na Reforma], transformando-a em uma Igreja do Império de cristãos de origem ariana [O alvo dos CrA.]. Pois, desta feita, se colocaria uma lei racista [do estado alemão da época] ante a entrada para a Igreja e se transformaria esta Igreja [a Igreja evangélica alemã] em uma comunidade legalista judaica-cristã [cf. Gl 2.4-6.12]... A particularidade dos cristãos de origem judaica não reside em sua raça ..., mas, exclusivamente, na fidelidade específica de Deus para com Israel segundo a carne [no sentido de que uma parte dele integre {‘o resto santo’} à Igreja; cf. Rm 9-11]. O fato de que o cristão de nascença judaica não ocupa um lugar especial na Igreja em consequência de uma lei qualquer faz com que ele [o judeu-cristão] seja um monumento vivo da fidelidade de Deus e um sinal [comprobatório] para a derrubada da cerca entre judeus e pagãos [efetuada por Jesus Cristo; cf. Ef 2.11-22] e que a fé em [Jesus] Cristo não possa ser desvirtuada em uma religião nacional ou em um cristianismo que combine com a raça ariana [Objetivo notório e apregoado pelos CrA.]. Os cristãos que vieram do âmbito pagão [todos os povos não judeus, inclusive o alemão] precisam, eles próprios, antes se expor à perseguição do que abrir mão – seja por livre e espontânea vontade [por decisão sinodal] ou seja obrigado [por força da lei racista do estado] – da fraternidade eclesial criada por Palavra e Sacramento com os judeus-cristãos, e seja em um ponto sequer” [39].

Estas passagens são repletas de alusões a linguagem e convicções de Lutero e da tradição doutrinária evangélica luterana ortodoxa. Sua enumeração e análise não vêm ao caso agora. O que interessa mesmo é focar o conceito Lei e Evangelho.

A *Confissão de Bethel*, na versão original, assegura que nenhuma lei estatal pode ou deve definir o que vem a ser Igreja e determinar quais são seus membros. Muito

menos ainda, a própria Igreja pode ou deve colocar proibições que impossibilitam que pessoas, quaisquer que sejam, entrem na Igreja, tornem-se seus membros, sejam aceitas e tratadas como iguais – aliás, necessitando, como todos e todas na Igreja, em vida e morte e depois, de Jesus Cristo. Jesus Cristo chama e cria sua Igreja mediante a pregação do Evangelho e a ministração dos Sacramentos sem acepção da pessoa. Na medida em que a Igreja é ciente disso e age em conformidade, ela é de Jesus Cristo, é a Igreja do Evangelho. Caso se introduza na Igreja, que foi selada por Palavra e Sacramento de Deus, *sponte sive non sponte*, pré-requisitos e obstáculos estranhos ou se crie separações e exclusões contrárias a Palavra e Sacramento – na época, surgidos do ideário racista – ela, a Igreja assim cerceadora, deixa de ser Igreja do Evangelho e vira antro da Lei. Para Bonhoeffer, os CrA e seus simpatizantes igrejeiros advogam uma Igreja da Lei, que renega o Evangelho.

A tentação de cercear a Igreja arbitrário e legalisticamente acompanha a fé cristã desde sempre. Em seu início, havia grupos vindos do judaísmo que afirmaram que única e exclusivamente a pessoas circuncidadas e observantes de determinadas leis judaicas é franqueado ser da Igreja, corpo de Jesus Cristo. O que o apóstolo Paulo combateu como negação da “liberdade para a qual Cristo nos libertou” (Gl 5.1[-12]; cf. a epístola inteira; veja At 15.1-34 e a fundamentação teológica de Paulo para a coleta organizada por ele em favor da[s] comunidade[s] na Palestina: 2 Co 8s.), entre os povos de todas as origens, em todos os lugares e todas as épocas. Para Bonhoeffer, os CrA e seus simpatizantes igrejeiros são – que ironia, já que foram antijudeus por definição e convicção – iguais àqueles cristãos judeus-cristãos [40] que colocaram leis despóticas, deduzidas da história israelita e as atualizando, para que a pessoa fosse aceita na Igreja de Jesus Cristo.

2) O testemunho evangélico luterano de Dietrich Bonhoeffer quanto à **Ceia do Senhor**. No presente momento, indico só para o escrito de Martim Lutero *Um Sermão sobre o Venerabilíssimo Sacramento do Santo e Verdadeiro Corpo de Cristo e sobre as Irmandades* [41], do qual Bonhoeffer se vale em sua tese de doutorado, *Sociologia de La Iglesia – Sanctorum communio* [42]. O texto de Lutero exerce aí a função de bússola nas averiguações teológicas quanto a *La actualización de la Iglesia esencial* – em minha opinião pessoal, a parte central deste trabalho de Bonhoeffer. Ele foi concluído em julho de 1930, numa situação relativamente tranquila. A subida ao poder da NSDAP não era previsível; ela aconteceu em 31 de janeiro de 1933.

Agora, o que chama suma atenção? Quase dez anos depois – tendo entrementes aparecido a IC, se estabelecido e se dividido – Bonhoeffer volta à Ceia do Senhor sob o enfoque decididamente confessional e comunitário-pastoral. Ele elabora um texto que a coordenadoria da IC regional envia aos pastores ligados à IC na Pomerânia / Alemanha, animando ao **estudo do Artigo VII da Fórmula de Concórdia / FC**. A FC é parte integrante, a derradeira, do *corpus* das confissões da Igreja Evangélica Luterana [43]. Embora tenha surgido no começo da época confessionalista [44] e contribuído para seu recrudescimento, a FC transmite pontos vitais do testemunho de Lutero, mormente no artigo que Bonhoeffer quer ver estudado [45].

O mais desafiador e inquietante em tudo isso: Bonhoeffer – após ter constatado “a *prédica insuficiente sobre a Confissão dos Pecados e a Santa Ceia*”, acrescentado “*apenas do uso adequado de Confissão e Ceia resultam os pensamentos adequados [a respeito destas partes]*” e afirmado sua crescente admiração pela garra pastoral-teológica ao redor da Santa Ceia expressa no documento confessional em tela [46] – repete com suas palavras as formulações afiadas da FC acerca das diferenças entre

evangélicos luteranos e evangélicos reformados/calvinistas na questão da Ceia do Senhor.

Salienta, pois: a função básica dos “*verba testamenti* (contra ‘*respectu fidei*’ dos reformados)”; *manducatio indignorum* e *oralis*; “em absoluto, o pão [na Ceia do Senhor] é ‘o sinal para o corpo ausente de Cristo’ (contra os reformados), mas o pão é [grifo de Bonhoeffer] o corpo [de Jesus Cristo]”; na Ceia ocorre “comer sacramental” = recebe-se e come-se o corpo de Jesus Cristo “*oraliter et spiritualiter*”; na Ceia acontece o mesmo como na encarnação: “o [Jesus] Cristo todo está presente em pão e vinho ... [afirmando o *Infra-Lutheranum*] (contra o *Extra-Calvinisticum*)”; exclusivamente *in uso* [na comunidade comungante] existe o sacramento [do Altar]. E Bonhoeffer encerra com a seguinte passagem do Catecismo Menor de Martin Lutero: “O que é o Sacramento do Altar? / Resposta: É o verdadeiro corpo e sangue de nosso Senhor Jesus Cristo, / sob o pão e o vinho, / dado a nós cristãos para comer e beber, / instituído pelo próprio Cristo” [47].

Não é de admirar que o lado reformado/calvinista da IC tenha protestado com verve [48]. Sóbrio e seguro, Bonhoeffer respondeu: ele não se identificaria com todas as afirmações da FC, contudo, o testemunho desta referente à Ceia do Senhor para ele tem grande valia. De resto, sugere, com desenvoltura, que “*um irmão reformado nos forneça uma ajuda para o estudo da Institutio* [obra principal e orientador de João Calvino] *em sua doutrina referente à Santa Ceia*”. Bonhoeffer insiste no trabalho teológico justamente quando a Igreja de Jesus Cristo está sendo acuada de dentro e de fora. Logo, é de todo prejudicial quando “*se suprime sentenças teológicas sinceras de nossos pais* [no caso: FC e *Institutio*], *porque existem opiniões divergentes a seu respeito*” [49].

Concluo, para hoje, dizendo: Dietrich Bonhoeffer não foi luterano no sentido de apresentar cega e incondicionalmente *dicta probantia* da tradição doutrinária evangélica luterana. Todavia, desde o começo de sua reflexão teológica [50] até o fim dela, aprende com Martin Lutero, querendo estar em sintonia com ele [51]. Assim, vê a Igreja reformatória de seus dias muito longe do próprio Lutero [52]; diferencia claramente entre este e o luteranismo; critica, de forma dura e repetidas vezes, “os ditos luteranos”, “o pseudoluteranismo” da época [53]. Aliás, faz coro com todos aqueles, em diferentes períodos, que, à medida em que se aproximam a Martin Lutero, distanciam-se de Igrejas, posturas e de teólogos igrejeiros que se apresentam de “luteranos e luteranas”.

1 H. E. Tödt. In: *Dietrich Bonhoeffer Werke* v. 1. München: Kaiser, 1986. p. XV. O termo alemão que Tödt usa na caracterização de Bonhoeffer podia se traduzir também com “convicto, assumido”. Segundo E. Bethge, um punhado de gente que lê as primeiras publicações de Bonhoeffer, o considera “um luterano teimoso” (Dietrich Bonhoeffer und die Juden. In: E. Feil *al.*, *Konsequenzen* [cf., abaixo, n. 2], p. 185). P. L. Lehmann chama Bonhoeffer de “o luterano apaixonado” (*apud* J. H. Burtness. In: Chr. Gremmels [Hg.], *Bonhoeffer und Luther* [cf., abaixo, n. 2], p. 172).

2 O palavra “relação” foi escolha proposital. Sendo neutro, o termo serve para se chegar à justaposição de Bonhoeffer e Lutero. Relacionar os dois de modo adequado está intrinsecamente ligado ao grau de conhecimento de seu legado. Sob tal condição, ocorre que se afirme paralelismo casual ou certa contiguidade entre os dois, também que haja influência de Lutero sobre Bonhoeffer, ou, que este esteja na linha do wittenberguense, até, que se encontre em dependência dele. Seja como for, vale recordar e insistir no contexto: não há originalidade em reflexão e prática da fé no povo peregrino de Jesus Cristo. Original e basilar em enunciado e ação é tão-só ele, o próprio Jesus Cristo, presente no e atuando via Espírito Santo. Seus discípulos, suas discípulas em nada contribuem aí, quando muito, conseguem esboçar desdobramentos ou consequências – por sinal, fracos, cambaleantes, sempre renováveis; jamais chegam além de indicar para aspectos originários de forma passageira – aspectos de base, isto é, cristo-cêntricos, que desde o início foram colocados, incutidos, repetidos, cuja importância fora testemunhada em todas as épocas, em muitos lugares e diferentes línguas. Estou inclinado a introduzir na descrição do númeno aludido a diferenciação que Bonhoeffer faz entre *cantus firmus* e contrapontos invertíveis (*Resistência e Submissão* [cf., abaixo, II – Introdução], p. 402s.). *Cantus firmus*, então, corresponderia ao original, o qual Jesus Cristo personifica em ser e agir / em agir e ser, e contrapontos corresponderiam a desdobramentos e consequências temporários do original, os quais cristãos e cristãs ensaiam no decorrer da história.

Existem diversas abordagens a respeito da relação entre Lutero e Bonhoeffer. Arrolo as seguintes: Chr. Gremmels (edit.), *Bonhoeffer und Luther – Zur Sozialgestalt des Luthertums in der Moderne / Visando à morfologia social do luteranismo em tempos modernos*. München: Kaiser, 1983 [Internationales Bonhoeffer Forum Forschung und Praxis 6]. H.-W. Krumwiede, *Dietrich Bonhoeffers Luther-Rezeption und seine Stellung zum Luthertum / A recepção de Lutero em/por Dietrich Bonhoeffer e seu posicionamento perante o luteranismo [de seus dias]*. In: W.-D. Hauschild *alii* (edits.), *Die Lutherischen Kirchen und die Bekenntnissynode von Barmen / As Igrejas Luteranas e o sínodo confessante de Barmen*. Göttingen: Vandenhoeck, 1984. p. [206]-23. K. Grünwald *alii* (edits.), *Bonhoeffer und Luther – Zentrale Themen ihrer Theologie / Temas centrais de sua teologia*. VELKD/Hannover: Breklum, 2007.

No presente bosquejo, refiro-me apenas periféricamente a tais publicações, pois quero fornecer uma visão panorâmica sobre o testemunho que Bonhoeffer e Lutero prestam em conjunto. Para que cada um e cada uma aqui cheguem a uma opinião pessoal abalizada quanto a isso, seguem, abaixo, referências a textos dos dois em português e em espanhol. Importa – eis minha opinião – confrontar as pessoas com manifestações imediatas destes vultos seculares. Urge não palestrar, respectivamente, ouvir a seu respeito, mas, sim, lê-los, ruminar o que nos deixaram, chegando destarte, *sponte et hilariter*, a uma conclusão própria. Esta induz, por exemplo, a uma leitura crítica do retrato psicológico-teológico / teológico-psicológico de Bonhoeffer que C. J. Green entabula (In: Chr. Gremmels, *o. c.*, p. 95-116).

Ademais, reservo para outra oportunidade o estudo entranhado e diferenciado, comparativo e criteriológico de Bonhoeffer e Lutero, entre outros complexos, de como eles se movem e vivem no Antigo Testamento, lidam com o Salmo 119 e o interpretam, localizam a tentação e existem nela, encaram a consciência e a avaliam, entendem e praticam o discipulado e a teologia da cruz, enxergam e executam a representação vicária um pelo outro ou o agir vicário entre as pessoas e esse perante Deus, caracterizam e experimentam a Igreja, veem e estruturam a tarefa pastoral, insistem no catecismo e se empenham em formulá-lo, definem as ordens da criação (criacionais definitivas e/ou tão-só mantenedoras, visando *kainae ktisis*) as aplicam na ética individual e social, revistam e expõem a doutrina dos Dois Reinos, constatarem e desdobram o assumir a culpa, de que maneira captam e comunicam a inter-relação pecado—pecador/a—perdão dos pecados. Não menos, mereceria estudo demorado e engajado a questão dramática de seu relacionamento para com os judeus e o quesito *finitum capax infiniti* [Lutero e Bonhoeffer] <> *finitum non capax infiniti* [Calvino e Barth].

3 E. Bethge, *Dietrich Bonhoeffer*, p. 1250s.

4 Cf. para a ênfase desta testemunha: D. Bonhoeffer, *Ética* (cf., abaixo, II – Introdução), p. 70-2. Veja K. Steinbauer, *Einander das Zeugnis gönnen I-IV*; a partir de 1983, diversas edições em diversas editoras.

5 H. Dietzfelbinger, *Veränderung und Beständigkeit – Erinnerungen*. München: Claudius, 1984. p. 93.

6 O. Dudzus [comp. e edit.], *Bonhoeffer Brevier*. München: Kaiser, 1983. p. 152; cf. E. Bethge, *Dietrich Bonhoeffer*, p. 1246.

7 D. Bonhoeffer, *Resistência e Submissão*, p. 97.

8 E. Bethge, *Am gegebenen Ort – Aufsätze und Reden*. München: Kaiser, 1979, p. 252-6.

9 D. Bonhoeffer, *Resistência e Submissão*, p. 398; cf. *Ética*, p. [79]-92. Veja M. Lutero: “A pessoa não é justa, porque faz o justo; mas a pessoa justa faz o justo” (Dr. Martin Luthers sämtliche Werke [obras completas de Lutero, no original, em alemão e latim, edição de] Weimar, 1883- / WA 2, 492.21; tradução: AB).

10 D. Bonhoeffer, *Resistência e Submissão*, p. 557. A versão portuguesa do poema, elaborada por I. Kayser, oferece uma harmonia entre texto e melodia: Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil / IECLB, *Hinos do Povo de Deus – Hinário da IECLB vol. II*. São Leopoldo: Sinodal, 2001. 314.

11 S. Baeske tirou todos os fotos *in loco*, 26/07/13.

12 Para designação e execução de “sinopse”, confira I. Kayser, *Sinopse dos três primeiros evangelhos*. São Leopoldo: Sinodal, 1986.

13 Cf. D. Bonhoeffer, *Resistência e Submissão*, p. 495; M. Lutero: “A fé não é nenhuma arte fácil, pelo contrário, é algo tão elevado, mas tão elevado, que a pessoa teria de aprender nela durante 100.000 anos se vivesse tanto tempo” (WA 29, 494.14s.; tradução: AB).

14 Cf., acima, nota 9; M. Lutero, *O Sel* v. 2 (cf., abaixo, II – Introdução), p. 174 – Prefácio.

15 Citas assim aparecem especialmente em suas manifestações pastorais-comunitárias, como *Prédicas e alocuções*, p. 16.29.48, e *Creer e Vivir* (El Libro de Oración da La Biblia), p. 138,142s.,152, servindo de síntese final e reforçadora daquilo que Bonhoeffer quer comunicar.

- 16 Cf. a afirmação, melhor o testemunho, de G. Ebeling, aluno de Bonhoeffer e intérprete vitalício de Lutero: “Eis minha convicção: Bonhoeffer e Lutero são em meu coração um só” (*apud* T. Karttunen, *Die Luther-Lektüre Bonhoeffers*. In: K. Grünewald *alii*, *o. c.*, p. 10 – n. 4; tradução: AB).
- 17 Por exemplo, E. Bethge fala em “ética cristológica” (grifo meu) no tocante às reflexões éticas de Bonhoeffer (*Dietrich Bonhoeffer und die Juden*, p. 200) e M. Abraham, em “eclesiologia cristológica” (grifo meu) no tocante às reflexões eclesiológicas de Bonhoeffer (*K. Grünewald alii*, *o. c.*, p. 150).
- 18 Veja, abaixo, III. 1.
- 19 Este traço poimênico acentuado sobressai em sua lida com pessoas em situações limítrofes: D. Bonhoeffer, *Resistência e Submissão*, p. 190-4 < > M. Lutero exerce seu cuidado de pessoas em perigo, inclusive via correspondência (veja *WA Br* [cartas] 1-18; cf. a interpretação empática de G. Ebeling, *Luthers Seelsorge – Theologie in der Vielfalt der Lebenssituationen an seinen Briefen dargestellt / A cura d’alma de Lutero – Teologia na complexidade das situações da vida, exposta através de suas cartas*. Tübingen: Mohr, 1997); um número ínfimo das mesmas será publicado em *OSeI*.
- 20 E. Bethge, *Dietrich Bonhoeffer*, p. 50s.53.66.
- 21 M. Lutero, *OSeI* v. 6, 286.36-299.18, 302.1-303.26, 306.35-329.42, 331.36-336.20, 337.1-339.14, 342.1-359.19, 362.34-401.7. Talvez ajudem no entendimento da complexa matéria, as “introduções” às diferentes manifestações de Lutero, trazidas no vernáculo.
- 22 Em meados de 1940, D. Bonhoeffer viu em Hitler o anticristo, que deveria ser eliminado, independentemente de seu êxito militar e político: D. Bonhoeffer, *Gesammelte Schriften* [edit. E. Bethge] v. I / *Ökumene – Briefe, Aufsätze, Dokumente 1928-1932*. München: Kaiser, 1958- . p. 398.511 / *GS*.
- 23 D. Bonhoeffer, *GS* v. II / *Kirchenkampf und Finkenwalde (Resolutionen-Aufsätze-Rundbriefe 1933 bis 1943)*, 1959. p. 48.
- 24 De momento, não consigo localizar esta sentença. A figura se encontra em *OSeI* v. 2, p. 156 [15.].
- 25 Talvez Bonhoeffer a exprima em “Jonas” (*Resistência e Submissão*, p. 554s.). Insofismável, no entanto, ante o bispo anglicano George Bell de Chichester (*GS* v. I, p. 395.508s.). Lutero a focaliza e fundamenta, p.ex., em *OSeI* v. 1, 429s. [5.].433s. [12.-14.].435s. [18.], v. 2, 444.456s.
- 26 D. Bonhoeffer, *GS* v. II, 1959. p. 91-119.
- 27 Cf. H. Faulenbach, *Deutsche Christen / CrA*. In: H. D. Betz *alii*, *Religion in Geschichte und Gegenwart – Handwörterbuch für Theologie und Religionswissenschaft / RGG*. 4. ed., totalmente reelaborada. Tübingen: Mohr, 1998-. v. 2, colunas 698-701; K. Meier, *Deutsche Christen / CrA*. In: G. Krause *alii*, *Theologische Realenzyklopädie*. Berlin/New York: Gruyter, 1982. p. 552-4.
- 28 D. Bonhoeffer, *GS* v. II, p. 78s. (tradução: AB).
- 29 p. 132 (tradução: AB).
- 30 E. Bethge: Introdução para *a Confissão de Bethel*. In: *GS* v. II, p. 80-9; *Dietrich Bonhoeffer*, p. 414-9; *Dietrich Bonhoeffer und die Juden*. In: E. Feil, *o. c.*, p. 188-91.
- 31 Cf. M. M. Lichtenfeld, *Georg Merz – Pastoraltheologie zwischen den Zeiten*. Leben und Werk in Weimarer Republik und Kirchenkampf als theologischer Beitrag zur Praxis der Kirche. Gütersloh: Gütersloher, 1997. p. 328-32 [W.-D. Hauschild *alii* {edits.}, *Die Lutherische Kirche. Geschichte und Gestalten*. Band 18]. Recentemente, A. Pangritz, *Die “Politik Gottes” mit Israel. Über Wilhelm Vischers Beitrag zum “Betheler Bekenntnis”*. In: H. Bedford-Strohm *alii* [edits.], *Evangelische Theologie* 72. Jahrgang / 3-2012. Gütersloh: Gütersloher. p. 203-13.
- 32 (1895-1976), pastor, professor de História Eclesiástica e dos Dogmas em Erlangen / Alemanha e North Adelaide / Austrália. Durante toda a vida, Sasse se comprovou, com vênica da palavra, “lutérrimo”, o que o levou a deixar a terra natal. Já antes da ascensão do nacional-socialismo ao poder, criticou a NSDAP, sua cosmovisão e seu projeto partidário – antes de outra gente, inclusive, antes de Bonhoeffer – e se tornou desta feita conhecido *intra e extra muros ecclesiae* (cf. S. Hus, Posfácio. In: H. Sasse, *Sacra Scriptura – Studien zur Lehre von der Heiligen Schrift*. Erlangen: Ev.-Luth. Mission, 1981. p. 361s.; M. Wittenberg, Hermann Sasse und “Barmen”. In: W.-D. Hauschild *alii*, *o. c.*, [84]-106).
- 33 (1892-1959), pastor, professor de Teologia Pastoral em Bethel e Neuendettelsau / Alemanha. Descobridor de Karl Barth e divulgador da Teologia Dialética via o periódico *Zwischen den Zeiten* (1923-33); organizou e editou esta publicação programática. Em comparação com Sasse, por exemplo, foi um evangélico luterano brando, mas convicto, tendo sob qualquer circunstância M. Lutero como bússola, fato que o afastou de seu amigo Barth (cf. o livro volumoso de Lichtenfeld, acima, n. 31).
- 34 M. M. Lichtenfeld, *o. c.*, p. 342.351.
- 35 D. Bonhoeffer, *GS* v. II, p. 115-7.
- 36 (1895-1988) pastor e hermenêuta bíblico, suíço reformado/calvinista. Desde cedo integrava o círculo íntimo de Karl Barth. Tornou-se conhecido por sua interpretação resolutamente cristológica do Antigo Testamento, *viva voce* e mediante impressos. Docente vetero-testamentário na Escola Teológica de Bethel, foi expulso da Alemanha Nacional-Socialista devido a seu engajamento por judeus (cf. R. Kunz, verbete: Vischer. In: H. D. Betz *alii*, *RGG* v. 8, coluna 1126).
- 37 Veja para detalhes: acima, nn. 30s.
- 38 D. Bonhoeffer, *GS* v. II, p. 116 (tradução: AB).
- 39 p. 117 (tradução: AB).
- 40 A insistência de Bonhoeffer na visão e na aplicação da máxima Lei e Evangelho no contexto de “Igreja e Judeus”, em meados de 1933, foi interpretado lá e acolá *ad malam partem*: imputando-lhe sentimentos antisemitas ocultos e concepções teológicas capciosas acerca dos judeus e seu destino. Esses questionadores de Bonhoeffer, posteriores naturalmente, se viram fortalecidos em sua opinião pelo fato de que ele não tenha assinado *a Confissão de Bethel*, revisada -- aliás reescrita e assim feita aquosa devido a comentários e acréscimos de uma série de teólogos e depois publicada -- por não conter mais sua contribuição específica evangélica luterana. (Bonhoeffer a respeito: “Muitos cozinheiros estragam a sopa.” [M. M. Lichtenfeld, *o. c.*, p. 402; tradução: AB]). É desnecessário mencionar que tal problematização do posicionamento teológico de Bonhoeffer, em meados de 1933, aconteceu *post festum*, após *shoah* e o começo da reflexão sobre as implicações humanistas e hermenêuticas deste crime inefável.
- 41 *OSeI* v. 1, p. 425-44.
- 42 P. ex., p. 134-44.
- 43 Igreja Evangélica Luterana / IEL, *Livro de Concórdia – As Confissões da Igreja Evangélica Luterana*. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal / Porto Alegre: Concórdia, 1993 / *LC*. A *FC* foi colocada em circulação no dia 25 de junho de 1580, exatamente 50 anos após a leitura em público da *Confissão de Augsburg* (cf. *LC* p. 23-63 / 63-93).
- 44 A. Baeske, *Aprendendo com “o Reformador da Vida”* [= Johann Arndt, 1555-1621]. Polígrafo, setembro 2007.
- 45 IEL, *LC* p. 518.1-523.42 e 609.1-634.128: D. Bonhoeffer, *GS* v. III / *Theologie – Gemeinde (Vorlesungen. Briefe. Gespräche 1927 bis 1944)*. München: Kaiser, 1960. p. 393-8.
- 46 D. Bonhoeffer, *GS* v. III, p. 393s. Já que, via de regra, não se realça suficientemente o testemunho sacramental de Bonhoeffer, transcrevo parte de sua fundamentação para o estudo de *FC* Artigo VII. Coloco, em colchetes, acréscimos explicativos e, em negrito, aquilo que chama especial atenção: “*O próprio Jesus [Cristo] não ofereceu aos discípulos tacitamente* [silenciosamente]

pão e vinho, mas acompanhou o gesto com sua palavra. Ao promover com tanta ênfase e seriedade a doutrina da [Santa] Ceia, a Igreja [Evangélica] Luterana quis garantir que a repetição correta dessa palavra de Jesus [Cristo] (que afinal, como toda pregação, não pode ser simplesmente repetição e declamação da palavra bíblica!), que, portanto, o [esse] sacramento de Jesus [Cristo] permanecesse para todos os tempos a própria palavra e o próprio procedimento de Jesus [Cristo]. Nada deveria valer e acontecer na Igreja além da palavra e do ato de Jesus [Cristo]. Como, porém, a Igreja [Evangélica] Luterana via na doutrina [católica] romana e reformada [calvinista] da [Santa] Ceia uma inserção de pensamentos humanos na Ceia de [Jesus] Cristo [quer dizer, transubstanciação, respectivamente, extra-calvinisticum], ela lutou pela causa de Jesus Cristo até a consequência extrema [condenando tais doutrinas e não participando na Ceia do Senhor ministrada conforme as mesmas]. **A Igreja [Evangélica] Luterana entrou nessa controvérsia não para externar pensamentos profundos próprios sobre a [Santa] Ceia, e, sim, pelo contrário, para obstar todos os pensamentos humanos arbitrários, a fim de obter e deixar valer unicamente a palavra e ação de Jesus Cristo em sua pureza original.** Toda reflexão teológica estava a serviço do uso correto e não adulterado do [desse] sacramento na Igreja. Somente onde a Igreja repousa – a despeito de toda zombaria e espanto de um mundo moderno – sobre a pura palavra de Deus e os sacramentos instituídos por [Jesus] Cristo mesmo, ela tem a promessa de que as portas do inferno não prevalecerão contra ela. **Existe um farisaísmo dogmático, mas também existe com frequência, e hoje com maior frequência ainda, um farisaísmo antidogmático; existe uma justiça por obras intelectual, que, seguramente, não pode subsistir perante Deus.** Entre as duas [doutrinas, a católica romana e a reformada/calvinista referente à Santa Ceia], a doutrina [evangélica] luterana passou em sua doutrina da [Santa] Ceia, dirigida unicamente pela palavra de Deus, com passo seguro. Ela refletiu onde a reflexão era necessária e, não obstante, respeitou rigorosamente os limites da reflexão [quer dizer, não definir o modo da presença real e corporal de Jesus Cristo em sua Ceia]. Ela pôde fazer isso admitindo como único objetivo de sua reflexão o de **deixar intacto o milagre e o mistério da Ceia de Jesus Cristo.**” (p. 394s.; tradução: I. Kayser).

47 M. Lutero, *OSel* v. 7, p. 464.15-8. As linhas anteriores são resumo das sentenças de D. Bonhoeffer, o. c., p. 395-8 (tradução: AB).

48 D. Bonhoeffer, o. c., p. 398-400.

49 p. 400s. (tradução: AB).

50 Cf., acima, III. 2) e n. 40. Também: “A miséria da Igreja é sempre a miséria das faculdades de Teologia. Contudo, estas são, via de regra, cegas para tal fato! ... Quem nos mostra Lutero?” (D. Bonhoeffer [1932] *apud* H.-W. Krumwiede, o. c., p. 208; tradução: AB). “O que o estudante de Teologia precisa fazer hoje em dia? ... Ele precisa em tempos de confusão [como hoje] começar de novo, bem do início, ele precisa voltar às fontes, para a verdadeira Bíblia, para o verdadeiro Lutero” (ID [1933], *GS* III, p. 247; tradução: AB). Quando se tem presente que Bonhoeffer estudou com Karl Holl (1866-1926), o inaugurador da *Lutherrenaissance*, da pesquisa moderna em Lutero, baseada em textos originais dele, descobertos na virada do século 19 para o século 20 (principalmente de sua interpretação de Rm) – veja seu trabalho semestral “*Luthers Anschauungen vom Heiligen Geist nach den Disputationen von 1535-1545 / As percepções de Lutero do Espírito Santo em seus debates acadêmicas de 1535-1545*”, que apresentou a Holl, o qual avaliou o trabalho com “Bom (I – II)” (In: Chr. Gremmels, o. c., p. [190]-232) – o que significam as mencionadas afirmações para os ditos luterólogos acadêmicos em geral?

51 D. Bonhoeffer, *Resistência e Submissão*, p. 495s. No contexto, Bonhoeffer expressa sua gratidão “pelos belos hinos de Paul[us] Gerhardt” (1607-76), demitido do pastorado por sua fidelidade à FC. Cf. ID, *Prédicas e alocuções*, p. 27.31.33.

52 D. Bonhoeffer, *Prédicas e alocuções*, p. 46-50.

53 Cf. H.-W. Krumwiede, o. c., p. 209.

A. Baeske